



MAPEANDO TESES E DISSERTAÇÕES: ANÁLISE DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DECOLONIAIS NAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS BRASILEIRAS

*MAPEO DE TESIS Y DISERTACIONES: ANÁLISIS DE PRÁCTICAS
PEDAGÓGICAS DECOLONIALES EN LAS PRODUCCIONES ACADÉMICAS
BRASILEÑAS*

*MAPPING THESES AND DISSERTATIONS: ANALYSIS OF DECOLONIAL
PEDAGOGICAL PRACTICES IN BRAZILIAN ACADEMIC PRODUCTIONS*

Beatriz Nogueira Marques de Vasconcelos¹,

Glauco Keller Villas Boas²

Fernando Paulo Rosa de Freitas³

Resumo:

Este artigo investiga práticas pedagógicas fundamentadas na perspectiva decolonial, destacando sua importância ética, dialógica e humanizadora. Inspirados por pensadores como Paulo Freire e bell hooks, reconhecemos o papel crucial da prática pedagógica na emancipação humana, fomentando a curiosidade e a consciência crítica. Ao observar a persistência de opressões em ambientes escolares, particularmente sob a influência de ideais eurocentrados, o estudo visa analisar teses e dissertações no contexto brasileiro. Inicialmente, foram identificados 52 trabalhos entre teses e dissertações em fevereiro de 2024, no período demarcado de 2017 a 2023, utilizando palavras-chave como "educação decolonial" e "pedagogia decolonial". Por meio de critérios de inclusão e exclusão, selecionaram-se 12 trabalhos, considerando o intervalo de 2017 a 2023 para abranger seis anos de produção. A escolha dos trabalhos baseou-se em critérios de inclusão, priorizando pesquisas empíricas que investigam práticas pedagógicas decoloniais, tanto no ambiente escolar quanto em contextos não escolares. Excluíram-se pesquisas teóricas e documentais. A opção por mapear a produção acadêmica visa compreender como as práticas pedagógicas são percebidas e

¹ Pedagoga. Doutoranda em Universidade Federal de São Carlos. Com financiamento FAPESP (2023/03785-0) ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3224-3379>, e-mail: bvasconcelos@estudante.ufscar.br

² Licenciado em Letras. Mestrando em Universidade Federal de São Carlos ORCID [0009-0000-2599-0336](https://orcid.org/0009-0000-2599-0336), e-mail: glauco@interativo.com.br

³ Licenciado em Educação Física e Mestre em Ciências da Motricidade. Professor em Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. ORCID [0000-0001-9694-7618](https://orcid.org/0000-0001-9694-7618), e-mail: fe.prof.edfis@gmail.com

problematizadas sob essa perspectiva política e pedagógica. O estudo concentra-se na exploração de dimensões contra-hegemônicas da colonialidade, alinhando-se aos legados de Paulo Freire, Franz Fanon, Aníbal Quijano e Catherine Walsh. Propõe, ademais, situar a prática pedagógica contra-hegemônica, resistente e crítica, promovendo a educação como um caminho em direção à liberdade e autonomia. Dessa forma, almeja contribuir para a construção de uma pedagogia decolonial mais inclusiva, emancipadora e libertadora.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas, pedagogia decolonial, revisão de literatura.

Abstract:

This article investigates pedagogical practices based on the decolonial perspective, highlighting their ethical, dialogical and humanizing importance. Inspired by thinkers such as Paulo Freire and bell hooks, we recognize the crucial role of pedagogical practice in human emancipation, fostering curiosity and critical awareness. By observing the persistence of oppression in school environments, particularly under the influence of eurocentric ideals, the study aims to analyze theses and dissertations in the Brazilian context. Initially, 52 works were identified, including theses and dissertations, in February 2024, in the period ranging from 2017 to 2023, using keywords such as "decolonial education" and "decolonial pedagogy". Using inclusion and exclusion criteria, 12 works were selected, considering the interval from 2017 to 2023 to cover six years of production. The choice of works was based on inclusion criteria, prioritizing empirical research that investigates decolonial pedagogical practices, both in the school environment and in non-school contexts. Theoretical and documentary researches were excluded. The option to map academic production aims to understand how pedagogical practices are perceived and problematized from this political and pedagogical perspective. The study focuses on exploring counter-hegemonic dimensions of coloniality, aligning with the legacies of Paulo Freire, Franz Fanon, Aníbal Quijano and Catherine Walsh. It also proposes to situate counter-hegemonic, resistant and critical pedagogical practice, promoting education as a path towards freedom and autonomy. Therefore, it aims to contribute to the construction of a more inclusive, emancipatory and liberating decolonial pedagogy.

Keywords: Pedagogical practices, decolonial pedagogy, literature review.

Resumen:

Este artículo investiga las prácticas pedagógicas desde la perspectiva descolonial, destacando su importancia ética, dialógica y humanizadora. Inspirándonos en pensadores como Paulo Freire y bell hooks, reconocemos el papel crucial de la práctica pedagógica en la emancipación humana, fomentando la curiosidad y la conciencia crítica. Al observar la persistencia de la opresión en los ambientes escolares, particularmente bajo la influencia de ideales eurocéntricos, el estudio tiene como objetivo analizar tesis y disertaciones en el contexto brasileño. Inicialmente, se identificaron 52 trabajos, entre tesis y disertaciones, en el periodo comprendido de 2017 a 2023, utilizando palabras clave como "educación decolonial" y "pedagogía decolonial". Utilizando criterios de inclusión y exclusión, se seleccionaron 12 obras, considerando el intervalo de 2017 a 2023 para cubrir seis años de producción. La elección de los trabajos se basó en criterios de inclusión, priorizando investigaciones empíricas que indaguen en las prácticas pedagógicas descoloniales, tanto en el ámbito escolar como en contextos no escolares. Se excluyeron las investigaciones teóricas y documentales. La opción de mapear la producción académica apunta a comprender cómo se perciben y problematizan las prácticas pedagógicas desde esta perspectiva política y pedagógica. El estudio se centra en explorar las dimensiones contrahegemónicas de la colonialidad, alineándose con los legados de Paulo Freire, Franz Fanon, Aníbal Quijano y Catherine Walsh. También propone situar la práctica pedagógica contrahegemónica, resistente y crítica, promoviendo la educación como camino hacia la libertad y la autonomía. De esta manera, pretende contribuir a la construcción de una pedagogía decolonial más inclusiva, emancipadora y liberadora.

Palabras clave: Prácticas pedagógicas, pedagogía decolonial, revisión de la literatura.

Introdução

A construção de práticas pedagógicas intencionais a partir de um arcabouço de saberes teóricos calcados numa perspectiva ética de vida exige da pessoa educadora uma postura reflexiva, curiosa e crítica. É necessário que ela seja capaz de construir práticas capazes de re-significar o que já foi produzido e compreender, na intencionalidade, a singularidade de cada experiência pedagógica. Nesse contexto, surge a indagação sobre o que caracteriza uma prática pedagógica calcada na perspectiva decolonial?, considerando não apenas o contexto social, mas também as complexas interações interpessoais e as intenções pedagógicas envolvidas em sua construção.

A escolha da temática para o presente trabalho é profundamente influenciada por nossa trajetória de vida enquanto educadores e educadora, desempenhando a presença pedagógica na educação básica. Ao longo de nossa atuação em escolas, tanto na rede pública quanto privada, observamos que os espaços de escolarização frequentemente se revelam como ambientes propícios ao cultivo perspectivas educativas amarradas em padrões subordinados à colonialidade.

Como a intencionalidade pedagógica pode ampliar as perspectivas de mundo dos estudantes, construindo possibilidades de questionamento das amarras coloniais? Essa é uma questão que nos instiga a buscar uma escuta atenta do que outras pessoas têm realizado em seus esforços dentro de contextos educativos.

Percebemos, em muitas instâncias, uma tendência à reprodução da opressão nas experiências pedagógicas de aprendizagem, moldadas por ideais de um humanismo eurocentrado. Essa constatação suscita uma reflexão crítica sobre o papel desses espaços na perpetuação de dinâmicas que podem reforçar desigualdades e reproduzir estruturas que marginalizam determinados grupos sociais. Nessa perspectiva, este trabalho busca explorar e analisar essas dinâmicas, destacando a necessidade premente de repensar e reformular práticas pedagógicas para promover uma educação mais inclusiva, plural e comprometida com a desconstrução de paradigmas coloniais.

Neste horizonte de ação, este trabalho propõe-se a realizar uma revisão de literatura focada nas práticas pedagógicas decoloniais identificadas, analisadas e refletidas em teses e dissertações no contexto brasileiro, observadas através de uma lente política e pedagógica decolonial. Durante nossa pesquisa inicial, notamos um aumento significativo nos últimos anos em estudos relacionados à perspectiva pedagógica decolonial, embora a falta de pesquisas, especialmente as que priorizam metodologias empíricas, possam ser problematizadas. É importante destacar o valor acadêmico das teses e dissertações como resultados e indicadores relevantes da produção dos programas de pós-graduação nacionais, que delineiam a contribuição científica desses programas. Utilizamos o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) como um importante instrumento de acesso às pesquisas. Esse banco é multidisciplinar e abrange diversas

áreas do conhecimento, permitindo a realização de pesquisas por autor, título e palavras-chave.

A escolha de mapear a produção em teses e dissertações neste artigo se deu pelo reconhecimento de que as produções acadêmicas sinalizariam como são percebidas, vistas, compreendidas, situadas e problematizadas as práticas pedagógicas a partir de uma ancoragem política e pedagógica decolonial. Inicialmente, foram encontrados um total de 52 trabalhos entre teses e dissertações. Esse levantamento foi realizado entre 04 e 08 de fevereiro de 2024, demarcamos como período de tempo, seis anos, sendo de 2017 a 2023, utilizando o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CTD/CAPES) e as palavras-chave: "educação decolonial", "pedagogia decolonial", "educação popular". A partir de critérios de inclusão e exclusão definidos foram selecionados 12 trabalhos, conforme apresentado na Tabela 1. Escolhemos como critério de inclusão: (a) pesquisas empíricas que analisam e/ou refletem as práticas pedagógicas calcadas na perspectiva decolonial, (b) análise das situações de ensino produzida por coletivos tanto na educação escolar como na educação popular. Como critério de exclusão adotamos: (a) pesquisas teóricas e bibliográficas; (b) pesquisas documentais e historiográficas. Em uma leitura mais aprofundada os trabalhos encontrados foram organizados em um quadro contendo título, autor, ano de defesa, nível acadêmico, instituição de ensino superior (IES), objetivos, metodologia e referencial teórico.

Neste estudo, concentramo-nos em aprofundar nossas reflexões sobre as dimensões contra-hegemônicas da colonialidade, inspirando-nos no pensamento de Paulo Freire, especialmente em "Pedagogia do Oprimido" e "Pedagogia da Autonomia". Ao lado de Freire, recorreremos também à relevância de Franz Fanon (1968) para explorar as possibilidades de romper com o véu da violência simbólica e as amarras opressoras da colonização. Buscamos estabelecer conexões entre esses legados e as epistemologias decoloniais, representadas aqui especialmente por Aníbal Quijano e Catherine Walsh. Estas epistemologias contestam a hegemonia da epistemologia dominante e buscam superar a colonialidade, tanto epistemológica quanto pedagógica, desafiando o paradigma ocidentocêntrico e monocultural ainda prevalente no Brasil e em outras nações com históricos de violência colonial. Refletiremos também sobre a inventividade, criatividade e capacidade imaginativa dos educadores, orientados pelos princípios epistemológicos de Freire e pela visão decolonial.

Ainda neste trabalho, iremos também situar a prática pedagógica em seu caráter contra-hegemônico, resistente e crítico, que promova a educação como busca de liberdade, conforme discutido por pensadores como Paulo Freire, bell hooks e a pedagoga indígena Mestra Mayá que irão nutrir nossa análise com perspectivas que esperanças rotas possíveis de emancipação e libertação

É nesta necessidade de construir um pensamento pedagógico autônomo e libertador que iremos traçar as possibilidades de práticas pedagógicas decoloniais, destacando como as experiências pedagógicas vivenciadas por pessoas educadoras em diversos contextos educativos nos apoiam a construir caminhos que fundamentam uma

pedagogia decolonial, buscando promover uma prática pedagógica que seja mais inclusiva, emancipadora e libertadora.

Construindo práticas pedagógicas decoloniais: Processos de autoria e afirmação pedagógica

Quijano (2005) pondera que a produção histórica da América Latina inicia com a devastação de civilizações avançadas, resultando em enorme destruição sociocultural e demográfica. Novos sistemas de dominação social surgem, fundamentados na ideia de raça, impondo uma identidade colonial e inferiorizada aos povos conquistados, perpetuando-se por séculos.

O novo sistema de dominação social teve como elemento fundador a ideia de raça. Esta é a primeira categoria social da modernidade. Visto que não existia previamente não há rastros eficientes dessa existência, não tinha então, como tampouco tem agora, nada em comum com a materialidade do universo conhecido. Foi um produto mental e social específico daquele processo de destruição de um mundo histórico e de estabelecimento de uma nova ordem, de um novo padrão de poder, e emergiu como um modo de naturalização das novas relações de poder impostas aos sobreviventes desse mundo em destruição: a ideia de que os dominados são o que são, não como vítimas de um conflito de poder, mas sim enquanto inferiores em sua natureza material e, por isso, em sua capacidade de produção histórico-cultural. Essa ideia de raça foi tão profunda e continuamente imposta nos séculos seguintes e sobre o conjunto da espécie que, para muitos, desafortunadamente para gente demais, ficou associada não só à materialidade das relações sociais, mas à materialidade das próprias pessoas. (QUIJANO, 2005, p.15)

A conceituação de raça, originada na dominação colonial, foi um construto mental inseparável da violência imperial. O colonialismo ibero-cristão na América do século XV e XVI fundamentou essa ideia, refletindo-se na exigência de "limpeza de sangue" imposta aos muçulmanos e judeus na península ibérica. Essa exigência, precursora da ideia de raça, associa à cultura à linhagem sanguínea. As novas relações sociais pós-conquista reconfiguraram a subjetividade e estabeleceram a classificação racial como base para o controle do sexo, da autoridade e dos papéis sociais, moldando o novo sistema de dominação social na América Latina colonial. (QUIJANO, 2005)

Fanon é uma importante referência nessa problematização da racialização e suas amarras coloniais. Ele evidencia que a negação da humanidade não se limitou aos territórios colonizados, mas foi um elemento estruturante da modernidade. A ideia de raça, forjada durante a colonização, influenciou profundamente a percepção de si mesmo e do outro. A racialização das experiências do colonizado distorce sua autoimagem e define oportunidades sociais. A epidermização das posições sociais e a

interiorização subjetiva dessa distinção racial alimentam um ciclo de inferiorização e superiorização, que aliena tanto o colonizador quanto o colonizado de sua humanidade comum, perpetuando estereótipos prejudiciais. (FAUSTINO, 2018)

A descolonização, que se propõe mudar a ordem do mundo, é, está visto, um programa de desordem absoluta. Mas não pode ser o resultado de uma operação mágica, de um abalo natural ou de um acordo amigável. A descolonização, sabemos-lo, é um processo histórico, isto é, não pode ser compreendida, não encontra a sua inteligibilidade, não se torna transparente para si mesma senão na exata medida em que se faz discernível o movimento historicizante que lhe dá forma e conteúdo. A descolonização é o encontro de duas forças congenitamente antagônicas que extraem sua origem precisamente dessa espécie de substantificação que segrega e alimenta a situação colonial. Sua primeira confrontação se desenrolou sob o signo da violência, e sua coabitação - ou melhor, a exploração do colonizado pelo colono - foi levada a cabo com grande reforço de baionetas e canhões. "O colono e o colonizado são velhos conhecidos. E, de fato, o colono tem razão quando diz que "os" conhece. É de fato o colono que fez e continua a fazer o colonizado. O colono tira a sua verdade, isto é, os seus bens, do sistema colonial." (FANON, 1998, p. 26)

Para analisar práticas pedagógicas fundamentadas na perspectiva decolonial, é essencial, em primeiro lugar, identificar aspectos dessa prática pelos quais podemos selecioná-la e analisá-la. O argumento construído por Fanon (1998) nos permite compreender que a descolonização é caracterizada como o embate entre forças antagônicas, oriundas da situação colonial. Inicialmente permeada pela violência, a coexistência entre colonizador e colonizado é descrita por ele como uma relação de exploração. A descolonização é concebida como uma transformação profunda que altera o ser, introduzindo um ritmo próprio, uma nova linguagem e uma nova humanidade. Sua legitimidade não deriva de poderes sobrenaturais, mas sim do próprio processo de libertação. Contudo, é crucial compreender que fundamentar uma perspectiva decolonial, na visão fanoniana, implica na exposição crua desse processo, revelando sua natureza violenta, envolvendo lutas decisivas e a superação de obstáculos para alcançar a desejada transformação no mundo colonial, retratado como dividido em compartimentos.

Em "Condenados da Terra", Franz Fanon delinea a clara divisão entre colonizador e colonizado. Nas colônias, a presença militar, representada por gendarmes e soldados, age como interlocutor legal, impondo opressão. Em sociedades capitalistas, instituições educacionais e valores morais criam uma atmosfera de submissão. A discrepância entre as áreas habitadas pelos colonos e colonizados é irreconciliável, regida pela exclusão mútua. A cidade do colono é descrita como sólida, iluminada, asfaltada, enquanto a do colonizado é marcada por adversidades. O poder se manifesta através da violência direta dos militares, contrastando com os intermediários nas sociedades capitalistas, que dissimulam a dominação.

Embora Fanon (1996) não aborde explicitamente a educação no processo de superação das amarras da colonialidade, ele ressalta sua relevância para a libertação dos povos colonizados, argumentando que a educação deve ser um meio para a afirmação cultural e política da negritude. Ao propor formas de superação, ele sustenta sua tese por um

novo humanismo centrado nas necessidades psíquicas e sociais dos povos oprimidos, visando a promoção e recuperação de sua dignidade ontológica. Seu legado influenciou correntes pós-coloniais, descoloniais e decoloniais, envolvendo análises críticas ancoradas na ética e política, derivadas da experiência concreta de sujeitos subjugados. Enquanto os estudos pós-coloniais se concentravam nas relações entre colonizadores e colonizados, o pensamento decolonial destaca a persistência da colonialidade após a independência, especialmente nas subjetividades dos descendentes.

Assumindo o legado de Fanon, a perspectiva decolonial é forjada através do diálogo com formas não ocidentais e não acadêmicas de conhecimento, incorporando fontes teóricas do Sul global, como a teologia e filosofia da libertação, teoria da dependência, estudos subalternos sul-asiáticos, teoria feminista chicana, teoria pós-colonial e filosofia africana (MOTA NETO, 2018). Os estudos decoloniais propõem uma revisão crítica da modernidade, destacando suas origens na conquista da América e no domínio do Atlântico pela Europa, desafiando a visão tradicional que a associa apenas ao Iluminismo ou à Revolução Industrial. Essa abordagem enfatiza o papel central do colonialismo e do capitalismo na estruturação do poder global, reconhecendo a modernidade como um fenômeno planetário marcado por relações assimétricas de poder e pela subalternização de povos dominados (WALSH, 2017; MOTA NETO, 2016; QUIJANO, 2005). A noção de colonialidade do poder, introduzida por Quijano (2005), desempenha um papel chave ao descrever a dominação global entrelaçada com a fundação do sistema capitalista e a globalização desde a conquista da América, apontando para a persistência de estruturas de poder coloniais nas relações sociais e culturais globais atuais. O pensamento decolonial tem contribuído para repensar a América Latina numa ruptura epistêmica com a retórica da modernidade e a lógica da "colonialidade do poder" e suas derivações. Para uma pesquisa que se propõe ser decolonial, é necessário ponderar não apenas sobre as bases epistemológicas das teorias que fundamentam as pesquisas, mas também sobre os métodos que essas pesquisas pretendem empregar.

Ao caracterizar a perspectiva pedagógica decolonial, Walsh (2014) destaca que as pedagogias não são utópicas no sentido de serem irrealizáveis, mas utópicas ao avaliar alternativas plausíveis de maneira séria e realista. A construção da pedagogia decolonial requer uma reflexão a partir da exterioridade da episteme eurocêntrica, desafiando o pensamento único e universal. Destaca-se a dualidade dos oprimidos que também abrigam o opressor, sugerindo que a contribuição para uma pedagogia libertadora ocorre ao reconhecer essa dualidade. Walsh enfatiza que as pedagogias decoloniais são sonhos que se manifestam na práxis cotidiana dos seres humanos colonizados, nunca sendo totalmente alcançadas, mas exigindo uma luta contínua em diversos âmbitos. A decolonialidade na educação, segundo Walsh, ocorre no processo de resistência, rebeldia e busca por uma pedagogia que vá além das imposições da modernidade.

Paulo Freire figura proeminente nas investigações acadêmicas calcadas em uma educação contra-hegemônica é reconhecido, juntamente com Frantz Fanon, como um precursor do pensamento decolonial, conforme destacado por autores como: Fernández Mouján (2012), Walsh (2015) e Mota Neto (2018). A obra de Freire está inserida nas correntes críticas do pensamento latino-americano, profundamente influenciadas pelo

marxismo e pela Teologia da Libertação. Ao dialogar com Frantz Fanon e utilizar a expressão "condenados da terra" para descrever os oprimidos, Freire também se alinha à literatura pós-colonial latino-americana ao empregar a analogia entre a metrópole e a colônia, opressor e oprimido, para analisar os processos opressivos de invasão política, social e cultural (PENNA, 2024). Ele ressalta que toda forma de dominação implica em uma invasão, podendo ser explícita ou camuflada, com o intuito de subjugar economicamente e culturalmente o invadido. Essa dinâmica pode ocorrer tanto entre sociedades distintas, como entre uma sociedade metropolitana e uma dependente, quanto dentro de uma mesma sociedade, entre classes socialmente discrepantes.

Sem dúvida, a contemporaneidade do pensamento de Freire inspira tanto a teoria quanto a prática pedagógica fundamentada em uma postura decolonial, enfatizando a importância da articulação dos saberes da vivência e da práxis pedagógica. Essa abordagem transforma a educação em um processo coletivo e horizontal de construção do conhecimento, visando o desenvolvimento de sociedades mais justas e humanizadoras. A educação é vista como uma atividade humana fundamental, capaz de nos ajudar a compreender nossa identidade, tanto individual quanto coletivamente, estabelecendo uma relação profunda e política entre educadores e educandos, marcada também pelo amor.

A concepção de "Educação Libertadora" e "Educação Emancipadora", ambas inspiradas nas ideias de Paulo Freire, são fundamentais para nossa análise, visando uma profunda análise crítica da educação tradicional que se distancia do compromisso social. Segundo Freire, especialmente em sua obra "Pedagogia do Oprimido" (2005), a educação deve ultrapassar os limites do ensino formal, desvinculado do contexto social, e avançar em direção a uma prática educativa que não apenas capacita o indivíduo a compreender sua posição na estrutura social, mas também o incentiva a agir de maneira transformadora. A pedagogia de Freire é uma chamada à superação da condição de opressão, característica da experiência da classe operária, por meio de uma educação que enfatiza a ação coletiva e o reconhecimento de classe, elementos essenciais para a transformação social e a emancipação humana.

A verdadeira emancipação humana, portanto, floresce na ação coletiva, com indivíduos organizados em esforços para transformar condições sociais opressoras. A perspectiva de Freire não apenas critica os sistemas educacionais excludentes, mas também introduz no debate vozes e pedagogias que foram silenciadas ao longo de séculos de dominação. Ao explorar nuances de experiências investigadas, aspiramos a abrir caminhos para repensar as teorias e práticas pedagógicas derivadas dessas experiências, conforme analisadas nas pesquisas acadêmicas aqui revisadas.

As práticas pedagógicas decoloniais, influenciadas pelo tom político da decolonialidade, revelam a capacidade transformadora da educação e sua contribuição para a mobilização social, essenciais para superar a opressão. Paulo Freire estabelece um movimento educacional que desafia conceitos tradicionais e expande as possibilidades de atuação social.

Nesse contexto, o diálogo e a participação ativa de todos os sujeitos no processo educativo são cruciais para o desenvolvimento de uma consciência crítica e a

capacidade de transformação social, destacando a luta contra as desigualdades e a opressão como caminhos para a igualdade de oportunidades.

Catherine Walsh (2002) evidencia que ao propor uma teoria sobre os mecanismos de opressão e teorias da mobilização social e da articulação política como ferramenta de mudança estrutural na educação, Paulo Freire assume a importância de mobilizar conhecimentos historicamente marginalizados e construir uma postura insurgente diante das amarras da Colonialidade. Para a autora, é preciso pensar nos processos e práticas pedagógicas que ampliem as possibilidades de ação das comunidades marcadas pela exclusão e falta de acesso a oportunidades.

Além de referências como Paulo Freire, Fanon, Quijano e Walsh, incorporamos a obra fundamental "A Escola da Reconquista" da educadora Pataxó Maria Muniz como um sul para uma prática pedagógica fundamentada na escuta atenta, compartilhamento de sonhos, sensibilidade no olhar e na disposição de assumir processos de autoria e luta para transcender as amarras da colonialidade.

Em "A Escola da Reconquista", Mariana Muniz relata poeticamente como as diferentes gerações de professores Pataxó Hãhãhã surgiram ao longo do processo iniciado por ela. O texto destaca o pacto de testemunho feito por meio de sua escrita, evidenciando o esforço extraordinário para escolarizar a comunidade e abordando a discriminação étnica e de classe vivida pelos indígenas fora da reserva.

No contexto político e social desfavorável aos indígenas, especialmente àqueles distantes das terras da reserva, Mestra Mayá (Maria Muniz), que atualmente reside na terra indígena Caramuru na Bahia, desenvolveu uma educação fundamentada na percepção do outro e em relações profundas. Seu método inclui a investigação das memórias territoriais, a escuta e compartilhamento de sonhos, além dos ensinamentos de ferramentas de luta e resistência.

Mestra Mayá orienta a escutar as vozes dos encantados e a conceber uma escola de renovações, traçando caminhos conscientes em direção à quebra total de presenças opressivas ao reivindicar as origens (REIS, 2024). Adotando um processo educativo dinâmico, ela relata suas andanças pedagógicas, levando a roda de partilha e aprendizados para diferentes territórios. A ausência de uma escola física a levou a adotar uma pedagogia nômade, reconhecendo a diversidade de espaços e formas do fazer pedagógico.

Trabalhei com crianças de 5 anos em diante até uma certa idade, e trabalhei com adultos à noite. Ensinava o dia inteiro e a noite ensinava os adultos. Nós chegávamos na sala de aula e os adultos começaram a contar a história deles, dos tios, avós.(...)Escutei muito. Gosto de ouvir. Isso é bom para gente. Todo esse trabalho que a gente faz aqui é ouvindo. (...) Gosto de trabalhar a escuta, colocar os alunos para falar. São histórias que ninguém nunca contou. (Maria Muniz (Mestra Mayá), p. 97-98, 2021)

O conhecimento construído coletivamente revela os eventos da vida, como o trabalho, a exclusão dos indígenas no território, fenômenos da natureza, vida em comunidade e as exclusões de classe e raça que impactam a vida das pessoas. Ao ouvir o trilhar coletivo na experiência educativa de Mayá, compreendemos a interligação entre política e vida, a capacidade coletiva de entender as contradições e condições opressivas que afetam a vida, especialmente dos povos indígenas que buscam retomar seus territórios após séculos de expulsão e expropriação.

A prática da escuta profunda é destacada ao longo da memória pedagógica da mestra Mayá, que compartilha suas experiências na escola nômade no território Caramuru Catarina Paraguassu, Bahia. Todo o processo educativo é construído coletivamente, com Mayá recordando conversas, cantos e histórias vivenciadas. Em meio às lembranças dolorosas do silenciamento durante seus estudos no magistério indígena em Salvador, ela destaca o desejo coletivo de ter formação na comunidade. Mayá ressalta a estranheza de um processo educativo não coletivo e que retirava a autonomia dos estudantes. Sua proposta pedagógica é moldada no coletivo, enfatizando a importância da escuta e da presença atenta para decidir propostas que atendam a todos no grupo. A escola viva, onde crianças e jovens aprendem rituais sagrados, é um ambiente respeitado.

O processo pedagógico é dinâmico, capaz de gerar criação e superação das amarras coloniais do conhecimento. Adotar a prática da Mestra Mayá como referência pedagógica é trilhar um caminho para construir uma educação nossa, resistente e resiliente, onde a superação das amarras da colonialidade é fundamental. Ao nos inspirarmos nos autores-educadores engajados, reconhecemos que sustentar uma prática pedagógica decolonial envolve desenvolver processos de escuta e observação abrangentes, tanto do mundo externo quanto interno.

Método

Para fundamentar esta pesquisa, optamos por uma abordagem metodológica centrada na revisão bibliográfica, que representa uma análise abrangente da produção acadêmica existente sobre práticas pedagógicas à luz da perspectiva decolonial, abarcando diversas áreas de estudo. É crucial distinguir o termo "pesquisa bibliográfica" do conceito de revisões de literatura/bibliográficas. Enquanto as revisões de literatura visam proporcionar bases teóricas ou metodológicas para estudos, as pesquisas bibliográficas buscam abordar problemas específicos e entender os movimentos gerados a partir dessas produções.

Neste contexto, a revisão bibliográfica atende a dois propósitos principais: a construção de uma contextualização para o problema em questão e a análise das possibilidades presentes na literatura consultada para compreender os movimentos de uma práxis pedagógica decolonial nas pesquisas e teses dos últimos anos. Destacamos as

metodologias utilizadas, as ancoragens teóricas-epistemológicas diversas e as experimentações pedagógicas realizadas em diferentes contextos de ensino.

Primeiramente, conduzimos a categorização dos dados presentes nos resumos, utilizando palavras-chave como "educação decolonial", "pedagogia decolonial" e "educação popular". A ausência de estudos de natureza metodológica empírica que analisassem práticas pedagógicas decoloniais levou à delimitação da busca pela palavra-chave "decolonial" e "pedagogia". Por meio de critérios de inclusão e exclusão, selecionaram-se 12 trabalhos, considerando o intervalo de 2017 a 2023 para abranger seis anos de produção.

Em uma segunda etapa, as produções encontradas foram categorizadas, lidas, classificadas e analisadas quanto às informações básicas apresentadas. Organizamos um quadro contendo título, autor, ano, metodologia, referencial teórico, objetivos, principais resultados e instituição de ensino, com base na leitura dos resumos e, quando necessário, na leitura das próprias produções.

Na terceira etapa, agrupamos os trabalhos a partir de uma análise aprofundada, dividindo-os em duas categorias: (a) Práticas pedagógicas em contextos escolares; (c) Práticas pedagógicas em contextos da educação popular. Essa categorização permitiu uma compreensão mais aprofundada das abordagens presentes nos trabalhos, proporcionando uma visão ampla das contribuições para a delimitação de uma práxis pedagógica decolonial a partir da produção mapeada.

Em se tratando de um trabalho ancorado numa epistemologia decolonial, em nossa análise privilegiamos a leitura completa dos trabalhos, ressaltando o percurso de cada investigador, entendendo os movimentos de escrita e anúncio de cada autor.

Apresentamos a seguir os trabalhos categorizados em nome do autor, ano, tipo de trabalho, título, referencial teórico-metodológico, instituição, objetivos palavras chaves.

| Código | Autor | Ano | Tipo De Trabalho | Título | Instituição | Palavras-Chave |
|--------|---------------------------------|------|------------------|---|--|--|
| 1 | Ferreira, Alan Serafim | 2018 | Dissertação | Cartografias "Outras" Na Eja: Por Uma Prática Decolonial No Ensino De Geografia' | Universidade Federal Rural Do Rio De Janeiro | educação de jovens e adultos; cartografia social; pedagogia decolonial. |
| 2 | Cruz, Evandro Cesar Azevedo Da. | 2019 | Tese | Pedagogia Decolonial Do Santo Daime: Referências À Psicoativação Em Ambientes Educativos | Universidade Federal Rural Do Rio De Janeiro | pedagogia decolonial; psicoativação cognitiva; santo daime; decolonial pedagogy; cognitive psychoactivation; santo daime |
| 3 | Nogueira, Thais Tavares | 2019 | Dissertação | Práticas Educativas Da Pajelança Na Ilha De Colares (Pa): Resistência, Saberes E Ancestralidade | Universidade Do Estado Do Pará | pajelança; resistência.; práticas educativas; saberes; pedagogia decolonial. |
| 4 | Silva, Humberto Salustriano Da. | 2019 | Tese | A Experiência De Jovens Estudantes Do Pré-Vestibular Comunitário Do Centro De Estudos E Ações Solidárias Da Maré (Ceasm) – Rio De Janeiro: Trajetórias Escolares, Segregação Urbana E Educação Decolonial | Universidade Federal Do Estado Do Rio De Janeiro – Unirio | trajetórias – juventude-segregação - favela - decolonialidade |
| 5 | Ribeiro, Sueli De Fatima Xavier | 2019 | Dissertação | Memórias Com A Dança Na Escola: Corpos, Identidades E Educação Intercultural Na Escola | Universidade Federal De Mato Grosso | povo bororo; cosmologia bororo; educação indígena; mato grosso. |
| 6 | Veras, Cledia Ines Matos | 2019 | Tese | Jovens Da Escola Quilombola De Paratibe-Pb: Convivência, Pertencimento E Negação | Universidade Federal Do Ceará | comunidade negra de Paratibe. jovens. educação quilombola. identidade étnico-racial. pedagogia decolonial. |
| 7 | Santos, Juliana Cristina Souza. | 2020 | Dissertação | Saberes E Protagonismo Da Criança No Contexto Educativo Da Comunidade Do Alto Das Pombas' | Universidade Federal Da Bahia | criança, culturas populares, educação, protagonismo |
| 8 | Macedo, Maria Lilia. | 2020 | Dissertação | Universidad Y Escuela Campesina: Educacion Popular Y Pedagogia Descolonial En El Mocase Via Campesina, Argentina | Universidade Federal Da Integração Latinoamericana (Unila) | educação popular. mocase via campesina. pedagogias em movimento / |
| 9 | Procopio, Daniele Freire | 2020 | Dissertação | Pedagogia Decolonial Educação De Pescadores E Pescadoras Artesanais E Marisqueiras: Uma Experiência Na Comunidade Pesqueira De Ilha De Maré, Salvador, Bahia | Universidade Do Estado Da Bahia | pedagogia decolonial; educação de pescadores (as); território. |
| 10 | Nogueira, | 2020 | Dissertação | Repensando A Aula De | Universidade | pedagogia decolonial; |

| | | | | | | |
|----|---------------------------------|------|-------------|--|---|---|
| | Sheila Lima. | | | História: Decolonialidade, Resistência E Protagonismo | Federal Do Rio Grande Do Sul | ensino de história; resistência. |
| 11 | Toledo, Vanessa Lemos De. | 2020 | Dissertação | Assédio Sexual Em Ambiente Escolar: Possíveis Contribuições Da Educação Popular E Pedagogias Descoloniais E Feministas | Centro Universitário Salesiano De São Paulo | assédio sexual; educação popular; pedagogias descoloniais; pedagogias feministas; pesquisa-ação |
| 12 | Santos, Elaine Cristina Moraes. | 2020 | Tese | Griot Digital: Ressignificando A Ancestralidade Afro-Brasileira Na Educação | Universidade De São Paulo | ancestralidade. memória. dispositivos digitais. educação étnico-racial. |

Quadro1: Trabalhos categorizados em nome do autor, ano, tipo de trabalho, título, instituição e palavras chaves

Um giro analítico e reflexivo pelos trabalhos realizados

Dos 52 trabalhos identificados no banco de dissertações e teses da Capes através do descritor de busca "pedagogia decolonial", destaca-se o reduzido número de pesquisas de natureza empírica. No período demarcado de 2017 a 2023, marcado pela pandemia de COVID-19 que impulsionou a adoção de regimes de distanciamento social e a transição para o formato remoto nas relações educacionais e pedagógicas, levantamos a hipótese de que essa mudança possa ter influenciado a diminuição de estudos empíricos. Além disso, é relevante considerar que os estudos decoloniais estão ganhando espaço recente em cursos de educação, ciências sociais, filosofia e outras áreas relacionadas. Destacamos que essas afirmações são meramente hipóteses, uma vez que não conduzimos uma verificação sistemática da proporção de grupos de pesquisa que adotam uma perspectiva decolonial em comparação com outras correntes epistemológicas. Além disso, não realizamos uma pesquisa mais aprofundada para investigar se o período da pandemia de 2020 a 2021 teve de fato impacto nas quantidade de produções acadêmicas.

Os 12 trabalhos selecionados, correspondendo a 23.08% das pesquisas mapeadas, proporcionam reflexões sobre os movimentos de apropriação e produção da pedagogia decolonial, especialmente quando derivam de estudos de natureza documental e/ou bibliográfica. No entanto, é evidente que a carência de estudos empíricos aponta para uma lacuna significativa nessa área de pesquisa.

Ao explorar o quadro 1, apresentado na seção anterior, observa-se que dentre os 13 trabalhos analisados, 7 foram originados na região Sudeste, 3 na região Nordeste, 1 na região Norte, 1 no Centro-Oeste e 2 na região Sul do Brasil. Esta distribuição geográfica da produção acadêmica reflete a localização dos grupos de pesquisa que têm demonstrado interesse crescente na temática em questão, com destaque para o Rio de Janeiro, onde se concentra o maior número de estudos.

Importante ressaltar que os artigos analisados apresentam uma diversidade significativa tanto em termos de metodologias empregadas quanto em relação aos referenciais teóricos que fundamentam suas abordagens. Para aprofundar ainda mais essas discussões, apresentaremos no Quadro 2 uma síntese dos caminhos metodológicos e dos arcabouços teóricos utilizados nos trabalhos analisados

| Código | Caminhos metodológicos | Referencial teórico |
|---------------|---|---|
| 1 | Trabalho na EJA da Escola Municipal, usando diálogo com jovens, adultos e idosos. Os resultados foram sistematizados usando a cartografia social e mapas mentais. | Pensadores do grupo Modernidade/Colonialidade, tais como Quijano (2005), Grosfoguel (2007), Maldonado-Torres (2008) e Dussel (2005) e Paulo Freire. |
| 2 | Trabalho de pesquisa-ação em escolas públicas e particulares do município mineiro de Juiz de Fora. | A fundamentação teórico-metodológica que inspirou Jonh Croft advém de Gregory Bateson, filósofo, biólogo, antropólogo e psicólogo e também da Teoria Geral de Sistemas de Ludwig Von Bertalanffy, bem como das Pedagogias libertárias de Paulo Freire e da sabedoria de povos nativos da Austrália. |
| 3 | O estudo adota uma abordagem qualitativa, utilizando técnicas etnográficas como observação e entrevistas, explorando saberes na pajelança em Colares, PA, com foco no terreiro de São Jorge. | Pensamento decolonial, especialmente a partir do pensamento do sociólogo peruano Anibal Quijano, o semiólogo e teórico cultural argentino Walter Mignolo, Catherine Walsh, o filósofo portorriquenho Nelson Maldonado-Torres, o sociólogo portorriquenho Ramón Grosfoguel, o antropólogo colombiano Arturo Escobar, dentre outros. |
| 4 | A pesquisa, baseada no ano letivo de 2016, utiliza métodos quantitativos e qualitativos. A primeira etapa inclui 210 questionários socioeconômicos e 76 conjuntos de questões sobre trajetórias escolares, segregação urbana e opiniões políticas dos jovens. | A educação libertadora de Paulo Freire e a pedagogia crítico-social dos conteúdos de Saviani e Libâneo e os estudos da Sociologia da educação, centrados em obras de inúmeros pensadores como Pierre Bourdieu, Bernard Lahire e Nadir Zago. |
| 5 | Metodologia utilizada teve uma abordagem qualitativa autoetnográfica, no qual o investigador é o próprio sujeito que perfaz a ação. | Referenciais teóricos da Educação Intercultural. |
| 6 | Como abordagem metodológica utilizada foi a pesquisa etnográfica escolar. Os procedimentos metodológicos foram: observação participante, entrevista narrativa, técnicas grupais inspirados nos círculos de cultura freireanos. | Fundamentam a pesquisa uma pedagogia Decolonial com Fanon, Freire, Figueiredo, Walsh, Candau; nos estudos de juventude tem Sales (2003 e 2016), Carrano (2003), Arce (1999) e Pais (1993), que trazem uma contribuição teórica para compreender quem são estes jovens e como estão reelaborando a sua existência e para a discussão de educação escolar quilombola. |

| | | |
|----|---|--|
| 7 | A observação participante aprimorou a metodologia, destacando a importância de ouvir as crianças e reconhecendo sua capacidade de construir identidades culturais próprias. Utilizaram-se dispositivos como diários de campo, narrativas imagéticas e rodas de conversa para mergulhar nas culturas infantis. A experiência foi central na condução da pesquisa, buscando trazer as crianças como coautoras do trabalho. | A abordagem multirreferencial, que valoriza a pluralidade de referências, a alteridade, o multiculturalismo e as contradições, preservando a complexidade humana frente à rigidez científica. |
| 8. | Etnografia e análise documental e bibliográfica. | Base epistemológica decolonial, teoria da ecologia política marxista, ecologia política decolonial e ecofeminismo decolonial. |
| 9 | Etnografia da educação, instrumentos: diário de bordo e entrevista. | O referencial teórico está ancorado no campo dos estudos da pedagogia decolonial. |
| 10 | A autora não especifica o percurso metodológico da pesquisa. Ao longo do trabalho compreendemos que ela desenvolve um projeto interdisciplinar envolvendo as disciplinas de História, Geografia, Educação Artística e Educação Física com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental em uma escola municipal da cidade de Viamão, localizada no estado do Rio Grande do Sul. Contudo, não encontramos no trabalhos o detalhe metodológico desta investigação. | Estudos da Decolonidade; ancora-se em especial em Quijano e a Colonialidade do poder; Mignolo e a Colonialidade do ser; Lander e a Colonialidade do saber; O pensamento fronteiriço em Walter Mignolo e a pedagogia decolonial em Catherine Walsh em diálogo com Paulo Freire. |
| 11 | Pesquisa Ação, instrumentos roda de conversas e diário de campo. | Pedagogia Decolonial, Pedagogia Feminista e Educação Popular em Paulo Freire e Carlos Brandão. |
| 12 | O método utilizado foram entrevistas semidirigidas e algumas técnicas projetivas para a investigação do cotidiano. | Este trabalho investiga a aprendizagem de populações historicamente prejudicadas na educação contemporânea globalizada, com base nos conceitos de: cidadania mutilada de Milton Santos (1996, 1997), a pedagogia do oprimido de Paulo Freire (1994) e a Teoria do Reconhecimento desenvolvida por Axel Honneth (2003). |

Quadro 2: Caminhos metodológicos e referencial teórico

Sob a ótica do referencial teórico, destaca-se a presença explícita de Paulo Freire em sete dos 12 trabalhos examinados. Embora Freire não tenha desenvolvido uma teorização direta sobre os processos de colonização, sua influência é inegável, sendo um pensador essencial para conceber possíveis trajetórias de emancipação humana. As opressões, incluindo o processo de colonização, são profundamente teorizadas em sua obra "Pedagogia do Oprimido". Nestes estudos, percebemos a pedagogia decolonial como um projeto de formação política e humana que sensibiliza e potencializa os grupos subalternos a resistir à lógica opressiva da modernidade/colonialidade.

Essa pedagogia busca a liberdade, justiça e ação coletiva por meio de práticas epistêmicas que desafiam a colonialidade.

Este conceito entrelaça-se com as lutas decoloniais, especialmente na América Latina, onde os movimentos indígenas redefiniram a agenda, dando destaque às questões étnico-raciais. Paulo Freire contribui para essa pedagogia decolonial ao promover a subversão educacional, resgatar memórias de resistência e buscar novas bases epistemológicas, sustentando uma utopia política transformadora (MOA NETO, 2028).

Neste trabalho, argumentamos que as obras de Paulo Freire precedem o debate da decolonialidade na América Latina. Suas contribuições para a educação popular fortalecem a constituição de uma pedagogia decolonial, destacando-se por suas críticas à colonialidade, aposta em uma educação conscientizadora e visão de utopias possíveis.

Chama-nos a atenção o fato de três trabalhos priorizarem uma abordagem multirreferencial ao tratar a temática da decolonidade, estabelecendo diálogos com outras áreas como pedagogias feministas, pedagogia crítico-social, sociologia da educação e educação intercultural. Essa postura é defendida pelas pessoas pesquisadoras como uma porta de resistência epistêmica diante da rigidez científica da academia.

Uma constante em todos os trabalhos analisados é "ressaltar a urgência da "Decolonização" da produção intelectual, integrando as contribuições dos movimentos sociais, como os indígenas e afrodescendentes, para criar uma utopia decolonial". Aborda questões de poder, colonialismo e resistência, entrelaçando teoria e prática em lutas por dignidade e vida.

Especialmente, as investigações conduzidas por Nogueira (2019), Veras (2019) e Procopio (2020) destacam-se por sua abordagem junto a sujeitos indígenas e quilombolas, evidenciando uma delicadeza metodológica significativa. Vera (2019), em particular, adota uma metodologia narrativa e emprega técnicas grupais inspiradas nos círculos de cultura freireanos. No que tange aos resultados, constatou-se que a maioria dos sujeitos não estabelece uma conexão entre a história de seus antepassados e sua ancestralidade africana.

Outro aspecto que merece destaque é a notável diversidade de metodologias adotadas nas pesquisas analisadas. O estudo de Ferreira (2018), por exemplo, utiliza a Cartografia como ferramenta na Educação de Jovens e Adultos (EJA), desempenhando um papel significativo na formação da cidadania. Nesse contexto, o autor distingue duas abordagens distintas: o contato com produtos cartográficos já elaborados e a produção de mapas mentais pelos próprios estudantes.

A pesquisa de Toletto (2020) se destaca singularmente ao adotar a metodologia de pesquisa-ação. Ao abordar o tema do assédio sexual no ambiente escolar, a autora propõe a realização de rodas de conversa sistemáticas, utilizando as seguintes frases geradoras: "Posso Falar?", "Para que falar?" e "Com quem falar?". Essas indagações serviram como catalisadoras, possibilitando que todos os participantes pudessem expressar suas opiniões e contribuir de maneira coletiva para a reflexão sobre o conteúdo em questão. (p.183)

Já o trabalho de Silva (2019) se destaca pela robustez de sua abordagem ao analisar a trajetória de jovens e adultos do pré-vestibular comunitário CEASM na Maré, Rio de Janeiro. A pesquisa explora perfis, trajetórias e percepções dos sujeitos da pesquisa. A

metodologia inclui a aplicação de questionários socioeconômicos e questões sobre experiências educacionais e políticas, visando compreender as visões de mundo dos participantes e os desafios enfrentados no contexto urbano. Cabe ressaltar que este é o único trabalho que chama a atenção por aproximar autores da pedagogia crítica, como Saviani e Libâneo a autores da perspectiva decolonial, a exemplo: Catherine Walsh.

A diversidade dos trabalhos não se restringe apenas às diferentes epistemológicas e metodológicas, mas também se manifesta nas diferenças teóricas e metodológicas. A análise das pesquisas revelou-se desafiadora devido à multiplicidade de contextos educacionais nos quais essas práticas são desenvolvidas. O Quadro 3 organiza as pesquisas, agrupando-as de acordo com o espaço/nível de educação abordado, proporcionando uma visão mais clara da variedade de cenários educacionais explorados pelos estudos analisados.

| Espaço/nível educacional lócus da pesquisa | Autores | Quantitativo de trabalhos |
|--|--|---------------------------|
| Escola regular ensino fundamental e médio | Alan Serafim Ferreira (2018); Evandro Cesar Azevedo da Cruz (2019); Cledia Ines Matos Veras (2019); Deborah Monteiro (2019); Maria Lilia Macedo (2020); Danielle Freire Procópio (2020); | 06 |
| Espaços de educação não formais | Elaine Cristina Moraes Santos (2020); Thais Tavares Nogueira (2019); Humberto Salustriano da Silva (2019); Juliana Cristina Souza Santos (2020); Sheila Lima Nogueira (2020); Wanessa Lemos de Toledo (2020) | 06 |

Quadro 3: Espaço e/ou níveis educacionais

A consideração dos espaços nos quais os trabalhos são desenvolvidos e nutridos assume uma relevância crucial em nossas reflexões. Dentre os estudos analisados, destacam-se aqueles desenvolvidos em contextos escolares, nomeadamente os de Ferreira (2018), Cruz (2019), Ribeiro (2019), Veras (2019), Monteiro (2019), Macedo (2020), e Procópio (2020).

O trabalho de Ferreira (2018) se desdobra em uma experiência escolar no âmbito da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ao situar sua prática pedagógica, ele destaca a importância da Nova Matriz Curricular da EJA no município de Mesquita, localizado na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Este cenário se destaca pela sua heterogeneidade socioeconômica e pelos desafios urbanos marcados pela pobreza e violência. O estudo de Ferreira contextualiza a problemática das condições objetivas de acesso e permanência de jovens, adultos e idosos na EJA. Adotar uma perspectiva decolonial, portanto, implica entrelaçar o cotidiano dos sujeitos com os currículos próprios, utilizando metodologias como Cartografia Social e Mapas Mentais participativos para a apropriação curricular pelo estudante.

Na pesquisa de Ferreira, essa abordagem revela-se promissora para a construção de uma prática pedagógica centrada na subjetividade dos sujeitos. Busca desvelar suas realidades político-sócio-culturais e ambientais, contribuindo para uma prática pedagógica decolonial na Geografia da EJA. Este estudo destaca-se não apenas pela sua abordagem inovadora, mas também pela sua potencial contribuição para a compreensão e transformação das realidades educacionais nesse contexto específico.

A dimensão horizontal da relação estabelecida pelo diálogo surge de maneira proeminente nas pesquisas de Nogueira (2020) e Procópio (2020). Nessas investigações,

as autoras ressaltam a importância de diálogos mais profundos, caracterizados por trocas horizontalizadas e aprendizagens decoloniais. Através de um movimento educador que impulsiona o giro epistêmico, busca-se preservar a cultura da pesca artesanal e da mariscagem. Esse processo visa não apenas à conservação dessas práticas, mas também a fortalecer a luta pela vida no território, promovendo uma abordagem que privilegia a autonomia e a participação ativa dos sujeitos envolvidos.

A literatura especializada no campo da educação, em especial das práticas pedagógicas, converge em torno da importância da construção de relações horizontais. A prática pedagógica, quando desenvolvida de forma horizontal, dialógica e autoral revela as distintas maneiras pelas quais cada educador ocupa sua profissão e traduz as pedagogias que permeiam o processo educativo, constituindo-se como fissuras ideológicas no âmbito da formação. Nesse contexto, a documentação narrativa de experiências pedagógicas nos instigou a indagar, com base em seus princípios e seu desenho epistêmico-político-metodológico, sobre a formação docente e a maneira como esta pode se constituir como uma possibilidade de estabelecer uma nova organização pedagógica.

As pesquisas realizadas em contextos escolares destacam também a autoria dos estudantes. Nos trabalhos analisados, percebe-se uma ênfase na compreensão do vínculo intrínseco entre a criação e autoria pensadas e praticadas pelos educadores-educandos-pesquisadores nas relações escolares. Esse reconhecimento sublinha a importância de valorizar as contribuições e perspectivas dos estudantes no processo educativo, promovendo uma abordagem mais inclusiva e participativa na construção do conhecimento.

Nos contextos não escolares, emerge uma diversidade de lugares e abordagens pedagógicas, aglutinando as contribuições de pesquisadores como Elaine Cristina Moraes Santos (2020), Thais Tavares Nogueira (2019), Humberto Salustriano da Silva (2019), Juliana Cristina Souza Santos (2020), Sheila Lima Nogueira (2020), Wanessa Lemos de Toledo (2020).

A educação antirracista é uma temática importante nas pesquisas de Santos (2020) e Silva (2019), delineando fases distintas da vida. Enquanto a dissertação de Santos (2020) aborda a primeira infância, o trabalho de Silva (2019) se concentra em uma realidade educativa de cursinho popular destinado a jovens e adultos concluintes da Educação de Jovens e Adultos. Ambos os estudos revelam a natureza colaborativa de um trabalho em contexto comunitário, sublinhando a importância das potencialidades individuais na construção coletiva.

As práticas culturais ancestrais e comunitárias são objeto de pesquisa de Nogueira (2020), cujo estudo analisa o processo educativo em um terreiro de pajelança, destacando sua história e ressaltando a decolonialidade presente nesse contexto. As práticas de pajelança cabocla, enraizadas na Amazônia, revelam uma ancestralidade afroindígena em ritos de cura e saberes. O terreiro é percebido como espaço educativo, onde os conhecimentos são construídos nas relações cotidianas, com base no respeito e na alteridade cosmológica entre humanos e encantados. A organização dos trabalhos de pajelança revela uma pedagogia cultural, onde aprender sobre o espaço e suas representações é fundamental.

A valorização da cultura é uma constante em todos os trabalhos, sugerindo que uma

abordagem pedagógica decolonial enfatiza os saberes e tradições presentes no cotidiano e na cultura de todos os sujeitos envolvidos.

De modo geral, as pesquisas contribuem para uma construção que visa elementos da práxis pedagógica fundamentais para a construção de uma perspectiva decolonial para pensar as práticas pedagógicas e relações de ensino em diferentes contextos de elaboração. Esses princípios que ancoram as práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito da pesquisa nos colocam um sul para construirmos relações de ensino e aprendizagem calcadas na pedagogia decolonial e a consideração da superação da colonialidade como fundamento ético e político

Considerações finais

Este trabalho, primeiramente, almeja apresentar ao leitor uma perspectiva possível de uma abordagem da prática pedagógica decolonial. Ao considerar essa abordagem, é crucial compreender que não se trata de uma fórmula pedagógica fechada e descritiva, mas sim de uma perspectiva fundamentada na curiosidade epistêmica, na construção do senso crítico e na compreensão profunda das estruturas opressivas e coloniais que moldam vidas menos autônomas e emancipadas de vida. Para tanto, realizou-se a revisão bibliográfica de 12 artigos escolhidos a partir de critérios concisos de inclusão e exclusão que têm como objeto a construção pedagógica decolonial em diversos contextos educativos, utilizando diferentes abordagens teórico-metodológicas em espaços de educação escolares e de educação não formal.

Em nossas considerações finais, delinearemos alguns princípios pedagógicos comuns aos trabalhos aqui analisados e as possibilidades pedagógicas manifestadas por esses e como eles oferecem indicações para a concepção de uma educação alicerçada em uma perspectiva decolonial.

Escuta Profunda: Um dos elementos recorrentes nas experiências pedagógicas decoloniais é a ênfase na prática da escuta profunda. Essa abordagem vai além da simples audição, englobando a compreensão atenta das narrativas e perspectivas dos educandos. Os trabalhos analisados sugerem que a escuta profunda é central para a construção de um diálogo horizontal e para o reconhecimento e valorização das diversas vozes presentes nos espaços educativos. O abandono da educação bancária, criticada por Paulo Freire, impulsionou a busca por processos que levem a perceber as pessoas em suas múltiplas dimensões, entre elas, as afetivas, cognitivas, éticas, estéticas, políticas, culturais, sociais e ecológicas.

A partir de nosso diálogo, abraçamos, juntamente com bell hooks, a ideia de que "A voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela" (HOOKS, 2017, p. 22). Uma comunidade se constitui, como salientado por Maria Muniz (Mestra Mayá), a partir da escuta profunda de todos,

inclusive daqueles que nos antecederam e abriram caminhos para estarmos aqui, engajados em luta e comunhão coletiva.

A prática da escuta nos trabalhos se revela como uma importante atividade para o desenvolvimento da dimensão afetiva. Envolve a doação de si, a abertura à diferença e a profunda responsabilidade pelo outro. Ela é a porta de entrada para a construção de uma relação genuína.

Autoria, autonomia e protagonismo: O trabalho de Silva (2020) evidencia a urgência de se refletir sobre práticas pedagógicas que ampliem o protagonismo dos sujeitos inseridos nas engrenagens opressivas de um sistema capitalista e colonial. Na tese de Santos (2020), a autora aborda as seguintes reflexões: como reconheciam a autoria desse trabalho, convocando os jovens a participar? Como pensavam nas intervenções para situações que persistem sem solução há gerações? (p.136)

No diagnóstico do campo investigado, Santos (2020) revela que, frequentemente, os professores se sentiam incapazes de acompanhar integralmente as pesquisas complexas dos alunos e seus processos de escrita, o que dificultava a integração da pesquisa ao currículo. Seu projeto, Griot Digital, surge para explorar essas questões e pensar em estratégias pedagógicas que possam potencializar os processos de escrita, de autonomia intelectual e de protagonismo pelos estudantes e professores.

No contexto dessa reflexão, o conceito de "Escrevivências", cunhado escritora e pensadora Conceição Evaristo, emerge como um recurso educativo e metodológico aplicado tanto nas práticas pedagógicas quanto nas pesquisas acadêmicas, promovendo a produção e escrita de narrativas por indivíduos imersos em condições de opressão e subordinação. Evaristo delinea as experiências narrativas a partir de três elementos constituintes: corpo, condição e experiência. Ao refletir sobre como narrar suas vivências mais profundas enquanto mulher negra, ela destaca a profundidade e coragem exigidas na escrita, uma jornada que envolve remover pedras para acessar as memórias dolorosas. Nessa perspectiva, Evaristo ressalta a elaboração individual e coletiva pela escrita como um direito social, reforçando que, juntamente com a leitura, não deve ser um privilégio restrito a determinadas classes sociais.

Considerando esses trabalhos e ancorando-nos no conceito de Evaristo, percebemos que o processo de escrita se revela de forma orgânica, produtiva e política nas interações pedagógicas. Estabelecer um espaço para a escrita processual, dialógica e compartilhada emerge como um dos princípios pedagógicos fundamentais para nutrir uma perspectiva pedagógica decolonial. Nesse contexto, o protagonismo dos sujeitos da ação pedagógica torna-se essencial, contribuindo para as condições de autoria individual e coletiva, fundamentais em uma abordagem educativa fundamentada na decolonialidade.

Relações Horizontais e Dialogia: A construção de relações horizontais emerge como um princípio fundamental nas experiências pedagógicas decoloniais. Isso implica na quebra de hierarquias tradicionais entre educadores e educandos, promovendo uma dinâmica colaborativa e participativa. Os estudos revisados indicam que a horizontalidade nas relações pedagógicas contribui não apenas para a desconstrução

de práticas decoloniais, mas também para o fortalecimento de uma dinâmica pedagógica mais inclusiva e igualitária.

Assumir a dialogia no processo de aprendizagem é valorizar a experiência de cada sujeito e construir um espaço horizontal de trocas, em que a voz de cada pessoa se soma a outras vozes, como em um mosaico que se constrói coletiva e organicamente. Nesse processo, cada pessoa é reconhecida em suas potencialidades, ritmos e caminhos de aprendizagem. O processo de compreender a aprendizagem como um processo dialógico implica em compreender como o conhecimento toca as pessoas de maneiras diferentes, de acordo com as experiências e com o momento de vida de cada uma delas.

A prática pedagógica, fundamentada em uma perspectiva decolonial, assume diversas formas, ocorrendo entre diferentes sujeitos, em variados locais, mobilizando distintos saberes e experiências. Pode se manifestar em cursinhos populares (Silva, 2020), em práticas sagradas e ancestrais de pajelança (Nogueira, 2019), na via e na luta camponesa (Macedo, 2020), envolvendo pescadores e pescadoras artesanais e marisqueiras (Procópio, 2020). Essas práticas ocorrem com estudantes de Educação de Jovens e Adultos (Ferreira, 2018), com crianças pequenas junto a sua comunidade (Santos, 2020), tanto fora quanto dentro de escolas, abrangendo as mais diversas comunidades. Ao sistematizarmos esses princípios comuns às experiências de pesquisa, não almejamos reduzi-los a uma fórmula, mas sim ampliar a discussão, evidenciando o que é compartilhado e, ao mesmo tempo, o que é singular em cada pesquisa. Nesse contexto, as pesquisas direcionam seu foco para escutar todas as pessoas envolvidas nas relações pedagógicas, identificar os problemas sociais presentes na comunidade e na sociedade, e problematizar questões opressivas, tais como o racismo, o sexismo e a violência simbólica. O objetivo é pensar coletivamente em estratégias de vida para enfrentar essas opressões.

Assim, a pesquisa suscita alguns questionamentos que podem ser explorados em futuros trabalhos sobre práticas pedagógicas fundamentadas em uma perspectiva decolonial. Inquietamo-nos com a necessidade de conhecer mais práticas pedagógicas de outras pessoas educadoras e coletivos, para além do âmbito das produções acadêmicas, considerando o pluralismo de modos de conduzir a educação e refletindo sobre como podemos conceber uma prática pedagógica profundamente enraizada na formação política, humana e crítica dos sujeitos envolvidos.

Referências

AZEVEDO, Israel Belo de. **O prazer da produção científica**: descubra como é fácil agradável elaborar trabalhos acadêmicos. São Paulo: Hagnos, 2001.

AZEVEDO, Maria Carolina Almeida De. **Lições de boleka: experiências pedagógicas antirracistas e afrocentradas no ensino de inglês**!. Dissertação (Mestrado) Educação, contextos contemporâneos e demandas populares. Instituição de Ensino: Universidade Federal Rural Do Rio De Janeiro, 2022.

CRUZ, Carla; RIBEIRO, Uirá. **Metodologia e Prática**. 2ª ed. Axcel Books, Rio de Janeiro: 2004.

CRUZ, EVANDRO CESAR AZEVEDO DA. **Pedagogia Decolonial Do Santo Daime: Referências à Psicoativação Em Ambientes Educativos**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. 2019.

DULCI, Tereza Maria Spyer; MALHEIROS, Mariana Rocha. Um giro decolonial à metodologia científica: apontamentos epistemológicos para metodologias desde e para a América Latina. **Espirales**, Edição Especial. Janeiro 2021. WII Encuentro de Estudios Sociales desde América Latina y el Caribe. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/2686/2472>>. Acesso em: 14 fev. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Escrivivência**. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/>

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

FERNÁNDEZ MOUJÁN, Inés. Redefinición de los alcances de la pedagogía de la liberación en sus dimensiones ética, política y cultural. **Historia de la educación-anuario**, v. 13, n. 2, p. 00-00, 2012.

FERREIRA, ALAN SERAFIM. **Cartografias "Outras" Na Eja: Por Uma Prática Decolonial No Ensino De Geografia**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017.

MAYÁ, M. M. A. R. **A escola da reconquista**. Arataca: Teia dos Povos, 2021.

MOTA NETO, João Colares. Por uma pedagogia decolonial na América Latina: Convergências entre a educação popular e a investigação-ação participativa. **Education Policy Analysis Archives**, v. 26, p. 84-84, 2018.

NOGUEIRA, Sheila Lima. **Repensando A Aula De História: Decolonialidade, Resistência E Protagonismo**. Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em História, Porto Alegre, 2020.

NOGUEIRA, THAIS TAVARES **Práticas Educativas Da Pajelança Na Ilha De Colares (Pa): Resistência, Saberes E Ancestralidade**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de Metodologia Científica: Projetos de pesquisas TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses**. São Paulo: Pioneira, 1997.

PROCOPIO, Daniele Freire. **Pedagogia Decolonial. Educação de pescadores e pescadoras artesanais e marisqueiras: Uma experiência na comunidade pesqueira de Ilha de Maré, Salvador, Bahia**. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade do

Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, Câmpus I. 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Perspectivas Latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf. Acesso em: 8 fev. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. **Estudos avançados**, v. 19, p. 9-31, 2005.

REIS, Letícia. Epistemologias da terra: articulações interseccionais pelo bem viver. **InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais**, Brasília, v. 10, n. 1, p. 823-829, jan./jun. 2024.

RIBEIRO, Sueli de Fátima Xavier Ribeiro. **Memória com a dança na escola: corpos, Identidades e educação intercultural na escola**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2019.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANTOS, Elaine Cristina Moraes. **Griot Digital: Resignificando A Ancestralidade Afro-Brasileira Na Educação**. Tese (Doutorado) Programa de Pós Graduação em Linguagem e Psicologia. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SANTOS, Juliana Cristina Souza. **Saberes e protagonismo da criança no contexto educativo da comunidade do Alto das Pombas**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2020.

MACEDO, María Lilia. **Escuela y Universidad Campesina: educación popular y pedagogía descolonial en el Mocase Vía Campesina**, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Políticas públicas y sociedad, Programa de Postgrado em Políticas Públicas y Desarrollo (PPGPPD), Foz do Iguaçu, 2020.

SILVA, Humberto Salustriano da. **A Experiência de Jovens Estudantes do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM) – Rio de Janeiro. Trajetórias Escolares, Segregação Urbana e Educação Decolonial**. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2019

TOLEDO, Vanessa Lemos. **Assédio sexual em ambiente escolar: possíveis contribuições da educação popular e pedagogias descoloniais e feministas**. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós Graduação em Educação, UNISAL, Campus Maria Auxiliadora, Americana, 2020.

VERAS, Clédia Inês Matos. **Jovens da escola quilombola de Paratibe – PB: convivência, pertencimento e negação**. 2019. 190f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2019.

WALSH, C. Pedagogias decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir. TOMO I. Quito Equador: Abya Yala. Em: WARSCHAUER, Cecília. **A roda e o registro**. Paz e Terra, 2022.

WALSH, Catherine E. Decolonial pedagogies walking and asking. Notes to Paulo Freire from AbyaYala. **International Journal of Lifelong Education**, v. 34, n. 1, p. 9-21, 2015.

Recebido em: 02/03/2024

Aprovado em: 10/08/2024